

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

O MUSEU E A ESCOLA



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

O museu e a escola / Instituto Arte na Escola ; autoria de Dora Maria Dutra Bay ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 34)

Foco: FE-2/2006 Formação: Processos de Ensinar e Aprender

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-43-1

1. Artes - Estudo e ensino 2. Museus 3. Arte-Educação I. Bay, Dora Maria Dutra II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

O MUSEU E A ESCOLA

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Dora Maria Dutra Bay

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

O MUSEU E A ESCOLA

Ficha técnica

Gênero: Documentário sobre ação educativa em museu.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; educação estética; processo lúdico e participativo; metodologias de mediação; provocação de diálogo; museu.

Foco: **Formação: Processos de Ensinar e Aprender.**

Tema: Pesquisa-ação realizada no Museu de Arte de Santa Catarina.

Artistas abordados: Fabiana Wielewicki, Nara Milioli e Paulo Gaiad, entre outros.

Indicação: Formação de educadores, mediadores e programas de educação continuada.

Direção: Roseane Martins Coelho, Maria Luiza Belloni e Neide Pelaez de Campos.

Realização/Produção: Universidade Federal de Santa Catarina e Lantec Vídeo, Florianópolis. Apoio: Museu de Arte de Santa Catarina.

Ano de produção: 2000/2001.

Duração: 16'.

Sinopse

O documentário apresenta a ação educativa realizada no Museu de Arte de Santa Catarina/MASC em parceria com escolas públicas do município de Florianópolis, localizadas em regiões socioeconômicas e culturais diferenciadas, no meio rural, no litorâneo e no urbano. Com o envolvimento de professores e alunos de 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental, a pesquisa-ação foi realizada entre os anos de 2000 e 2001, com o apoio da Fundação Vitae. O documentário apresenta as diferentes etapas do trabalho, o contexto das escolas participantes, as

exposições, as ações realizadas no museu e depoimentos de pais, mães, artistas, alunos e professores. Também apresenta os conceitos e pressupostos norteadores, bem como algumas conclusões da pesquisa.

Trama inventiva

Vida tão cheia de encontros! Vida de educador. Encontros com a arte, encontros com aprendizes de arte. Às vezes, o encontro é na sala de aula; outras, no mundo do lado de fora. O que representa para o educador o seu trabalho? Paixão? Diversão? Meio ou fim? Para alguns, domina sua vida; para outros, confunde-se com ela. Seja deste ou daquele modo, todo educador tem uma curiosa sensibilidade para o outro. Outro-obra, outro-gente. Assim, de forma muito pessoal, o educador vai renovando saberes, experiências, fazeres educativos em arte. Na cartografia, mirar este documentário no território **Formação: Processos de Ensinar e Aprender** oferece ao olhar paisagens educativas pintadas com cores vivas por aqueles que, atuando como professor, mediador ou artista-educador, educam com arte para a arte.

O passeio da câmera

Olhares observadores, curiosos, pensativos frente às obras expostas. Corpos que apontam, que interagem, que criam no museu. É assim que o documentário se inicia no Museu de Arte de Santa Catarina em Florianópolis. As obras de seu acervo vão dialogando com a vida fora da escola: a vila de pescadores de Pântano do Sul, a zona rural de Vargem Grande e o burburinho da capital Florianópolis. Com depoimentos de pais e alunos, a câmera nos leva para as cenas externas das localidades das escolas participantes. Obras do acervo estabelecem uma intertextualidade poética com a realidade das comunidades envolvidas na pesquisa-ação que gerou este documentário.

De volta ao museu, somos convidados a acompanhar o desenrolar das ações da pesquisa no próprio local. A constante participação dos professores e a interação entre eles e os educa-

dores do museu atestam a condição proposta de pesquisa-ação e a idéia de que o importante é “trabalhar com a escola e não para a escola”.

A câmera capta diversos momentos do trabalho, destacando o envolvimento dos alunos com as obras¹, a intimidade deles com o museu e o modo com que discorrem sobre o que estão vendo e sentindo. Os alunos expressam opiniões, falam sobre e com os artistas. Ao final, relacionam arte com “amor, felicidade, carinho, liberdade, tudo que é bom”.

O compromisso compartilhado da escola, do museu e da família é revelado pelo depoimento de participantes do projeto: “houve um crescimento que eles levam para o processo de ensino/aprendizagem”, “... acreditamos que arte é coisa séria”, “... entender o patrimônio cultural como algo vivo”, “...formar cidadãos sensíveis e exigentes quanto ao nível cultural no qual vivemos”.

Paulo Gaiad, um artista entrevistado pelas crianças no museu, responde a uma pergunta que é repetida várias vezes no documentário: o que é arte? Diz ele: “arte é o objetivo da minha vida... É chegar perto das pessoas da forma mais verdadeira... A arte fica para as gerações posteriores”. E aponta a importância do museu para crianças que dizem, porque sabem, que o museu não guarda coisas velhas, simplesmente.

Os depoimentos e as imagens nos dão alguns indicativos de proposições pedagógicas centradas no território de **Formação: Processos de Ensinar e Aprender**, que permitem refletir sobre a pesquisa-ação, as ações educativas em museus e o trabalho escolar, o papel dos museus na formação do professor de arte e a contribuição da arte para a compreensão do ser humano e da sociedade em que vive.

O documentário aponta também potencialidades para o estudo de *Mediação Cultural* (os agentes, o museu, a formação de público, os componentes da ação cultural), de *Saberes Estéticos e Culturais* (o artista, o aprendiz, as políticas culturais), de *Linguagens Artísticas* (meios tradicionais e meios novos), além de *Processo de Criação* (observação sensível, leitura, interpretação, repertório pessoal e da cultura).

Sobre O museu e a escola

(pesquisa em Florianópolis, 2000-2001)

A pesquisa-ação é um processo contínuo de reflexão. Muito mais que familiaridade com os objetos artísticos, ela visa construir significados ampliados dos objetos relacionando-os com os elementos sócio-culturais e enriquecendo a compreensão do mundo e da arte.

Maria Cecília Santos

A pesquisa-ação *O museu e a escola* é realizada sob a coordenação da professora Roseane Martins Coelho, sob patrocínio da Fundação Vitae, no Museu de Arte de Santa Catarina/MASC, em Florianópolis. O núcleo de arte-educação desse museu se origina de experiências educativas esporádicas, somadas à proximidade física e ao trabalho conjunto com a Escolinha de Arte de Florianópolis, criada em 1963. No entanto, o setor é oficialmente institucionalizado somente em 1988.

A pesquisa-ação ocorre entre os anos de 2000 e 2001, envolvendo alunos de 3^{as} e 4^{as} séries do Ensino Fundamental de três escolas públicas², localizadas na praia e nas zonas rural e urbana, com condições socioeconômicas e culturais diferenciadas.

Algumas questões norteiam o trabalho: **qual o papel da escola na relação com as instituições de caráter educativo? Quais os pontos comuns nessa tarefa? Que contribuições podem resultar do trabalho conjunto? Que estratégias podem ser construídas para promover essa relação de modo qualitativo?** Tais indagações direcionam o trabalho à pesquisa-ação³ - uma forma de investigação na qual os professores, também sujeitos da pesquisa, participam, recolhem dados e refletem junto com os pesquisadores. Tal método possibilita aos professores construir conhecimento e desempenhar um papel ativo na investigação, ao invés de simplesmente entrarem como informantes. Outro ponto importante é a atenção dada à compreensão qualitativa dos dados durante a análise e a conclusão.

Assim, o trabalho se caracteriza como um projeto de pesquisa-ação cultural, que desenvolve ações educativas em artes visuais

por meio de ações pedagógicas inter-relacionadas com conteúdos escolares, o exercício de leitura de obras das exposições, relações de diálogo e intervenções refletidas, em conjunto com educadores de museu e escolas, por meio de técnicos e professores.

Durante o período da pesquisa, os alunos visitam todas as exposições do museu, participando das ações educativas que contam com a presença de artistas⁴ falando de suas obras e processos de criação. As turmas têm também contato com a reserva técnica, que chamam de “guarda-roupa dos quadros” e, ainda, com a oficina de manutenção e restauro, o “hospital das obras”.

Durante o trabalho, perpassa viva a atenção aos aspectos de avaliação qualitativa, com base no dinamismo das ações, no ato de refletir e de auto-avaliar-se. A heterogeneidade resultante do levantamento é alvo de muitos estudos, pois a pesquisa não visa padronizar, mas desenvolver um olhar sensível para a avaliação. No 2º ano de trabalho, além das reuniões mensais da equipe, os professores solicitam a criação de um grupo de estudos para aprofundamento das questões da arte, de mediação e da interação comunitária. **Esse aspecto torna bem presente o foco principal do trabalho, a inter-relação entre escola, museu e comunidade, a responsabilidade compartilhada, o trabalho com a escola e não para a escola, ampliando a questão de “visita” mediada.**

O depoimento de Roseane Martins Coelho⁵, coordenadora da pesquisa, testemunha a importância da pesquisa-ação realizada:

no processo, temos tido a oportunidade de confirmar nossas expectativas de que o trabalho pedagógico necessita de um profundo envolvimento com a vida, precisa ter sentido, ser significativo e prazeroso para todos os envolvidos no processo, dialeticamente com a exigência da sistematização constante e de espírito investigativo, do esforço exigido pela prática travada nas relações humanas com o conhecimento, com trocas contínuas da relação ensino e aprendizagem.

O envolvimento com a vida, a implicação de cada um, a busca de significação de toda ação por todos os participantes deixam marcas, pois, desde então, o diferencial do museu tem sido a realização de projetos e ações educativas em parceria com a rede escolar de ensino.

Atualmente, o MASC oferece programa de visitas, atendimento às escolas, professores e grupos de freqüentadores, por meio de monitorias às exposições temporárias e ao acervo permanente. Disponibiliza uma ludoteca e um banco de imagens, além de assessorar a organização de visitas com estudantes, uso dos materiais de apoio, e também faz ações de planejamento de atividades posteriores à visita ao museu.



Os olhos da arte

... negando-se a servir ao mercado, à coisificação e banalização da arte – e, por extensão, do homem e da vida –, a obra plástica, vinculada a questões vitais, quando disponibilizada ao grande público, pode propiciar a todos, inclusive pessoas leigas ou desacostumadas ao contato com a arte, condições para a fruição-criação estética, como forma de apropriação humana, como parte significativa no processo de autoconstituição do homem no processo maior de construção da história.

Maria Inês Hamann Peixoto⁶

A preocupação com o público nos museus e nas instituições culturais tem se tornado cada vez mais visível nos núcleos educativos, serviços educativos ou ação educativa - nomes dados ao trabalho de atendimento ao público em diferentes instituições. Os estudos indicam que esse tipo de serviço inicia-se em 1852, no Victoria and Albert Museum, em Londres. Em 1872, o Metropolitan Museum, de Nova York, e o Museu de Belas Artes, de Boston, criam programas educacionais. Em 1942, Thomas Munro enfatiza a percepção individual da obra em seus detalhes construtivos, elementos da visualidade, etc. No Brasil, na década de 30, sob a influência de Anísio Teixeira, surgem propostas apontando a necessidade de parceria com o sistema escolar. Nos anos 50, Ecylla Brandão dá início à organização de serviços educativos em museus do Rio de Janeiro. O mesmo ocorre em São Paulo, nas primeiras Bienais, inicialmente de modo menos formal⁷. Nos anos 60, destaca-se o Museu de Arte Moderna/RJ, com os *Domingos de Criação*. A influência da Escola Nova deixa suas marcas em programas educativos que valorizam a expressão criativa em ateliês, so-



Pedro Paulo Vecchiatti

Cortesia MASC - *Cabrinha*, 1958 - Tecelagem 50 x 68 cm

mados ou substituídos por ações voltadas às formas de percepção estética e apreciação de obras de arte.

A partir da década de 80, há uma significativa renovação no entendimento do compromisso dos museus com a educação. As idéias e propostas de arte-educadores ingleses e norte-americanos, contatados e trazidos ao Brasil por Ana Mae Barbosa, então diretora do Museu de Arte Contemporânea – MAC/USP em São Paulo, dão origem a uma verdadeira revolução no enfoque, fundamentação e metodologia do ensino de arte. Desde então, os museus paulistas passam a influenciar os programas educativos no país. **Hoje, vários museus e instituições culturais têm programas para o atendimento ao público, inovados por suas pesquisas e ações educativas. Além do público visitante, preocupam-se com a formação de educadores, a preparação e acompanhamento de escolas durante e depois da visita, o atendimento ao público com necessidades especiais e às famílias.**

Esta rápida pincelada sobre o trabalho educativo em museu introduz um pensar sobre as ações específicas durante a visita, considerada não como uma “excursão”, mas como uma “expedição”⁸. A compreensão da cultura e da arte e seu potencial

educativo como leitura do mundo ultrapassa os muros da escola e penetra nas instituições, exigindo formação específica e constante de quem ali trabalha.

Algumas ações importantes podem desdobrar-se do documentário. Assim que os visitantes chegam ao espaço expositivo, há um momento de conversa com o mediador⁹ que pode ser chamado de “acolhimento”. É quando se abre um espaço de conversa para colher informações – de onde vieram, o que já sabem sobre a exposição, quais questões trazem –, gerando um vínculo entre os visitantes e o mediador.

Durante o percurso no espaço expositivo, o mediador faz a sua própria curadoria, ao escolher obras que possam ampliar o olhar dos visitantes, superando preconceitos e potencializando experiências estéticas. Os alunos são instigados a interpretações, compreendendo a multiplicidade de leituras possíveis.

A avaliação de cada visita, nos seus momentos finais, é um outro ponto importante. Abre espaço para que os alunos possam comentar o que foi mais significativo, as novas inquietações, o que gostariam de continuar pesquisando, assim como o convite para que voltem e/ou visitem outras instituições culturais.

Como vimos no documentário, a formação dos educadores é outra preocupação. Na pesquisa-ação, eles participam de reuniões de estudos, tomam contato com as exposições, conhecem os artistas e as obras, discutem os encaminhamentos e aprofundam conhecimentos. Essas ações ressoam nas escolas. Assim, instituições culturais organizam encontros para a aproximação dos educadores às exposições a serem visitadas. Muitas delas oferecem material de apoio, para que a visita possa ser preparada e gerar frutos mais saborosos aos participantes.

A ação educativa, por vezes, pode ser valorizada apenas pelo alto índice de visitação. Porém, **o desafio é manter um espaço de trabalho profissional, com conteúdos e preocupações específicas, como um campo de pesquisa aberto, para que os objetivos que as fizeram nascer sejam alcançados. Cada exposição impõe novas questões, cada visitante requer uma**

atenção especial. E, para que as experiências estéticas tenham espaço e tempo, a formação de professores e de mediadores é essencial.

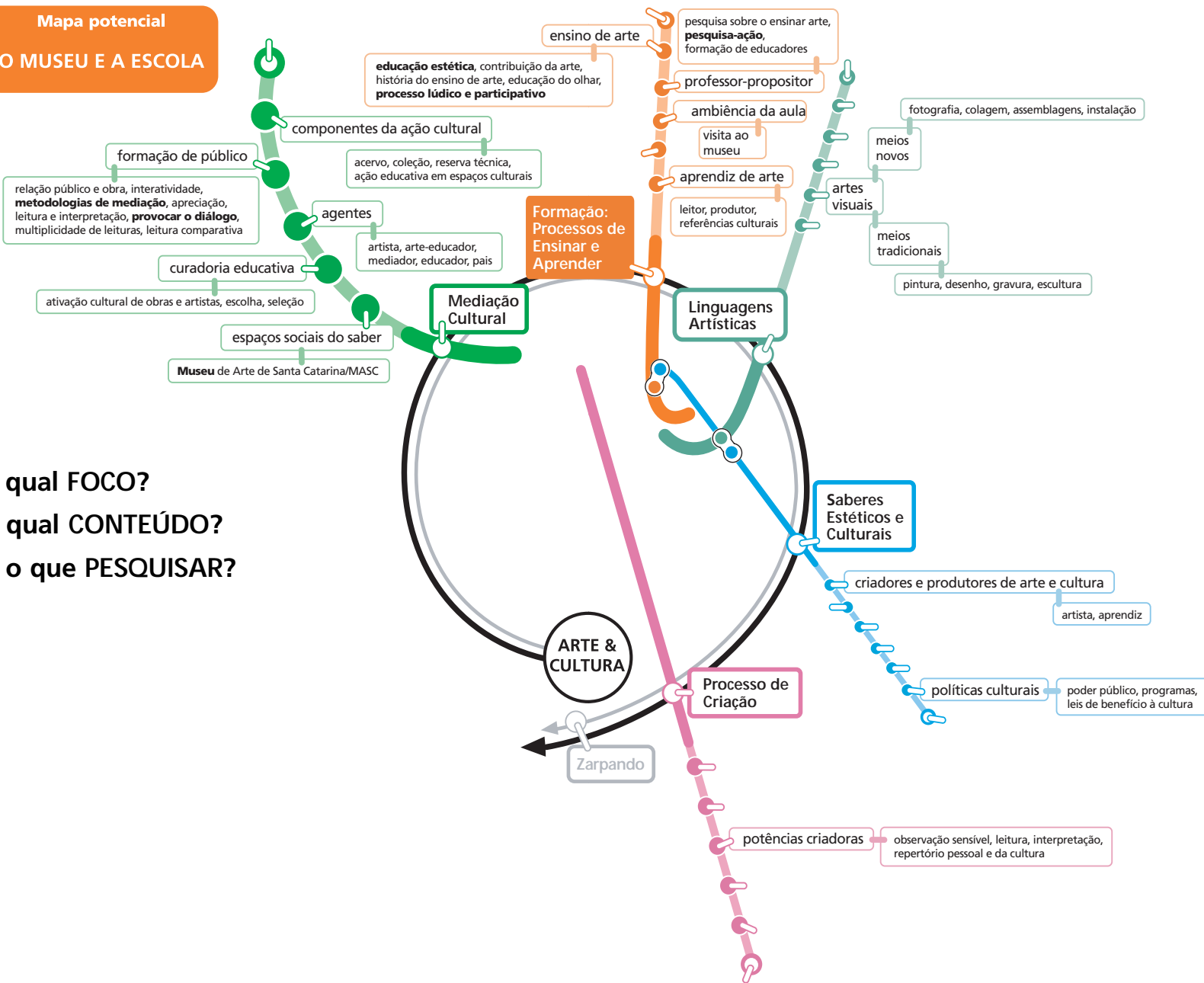
O passeio dos olhos do professor

Sugerimos que você, como um professor formador, assista ao documentário atentamente antes de iniciar o planejamento da ação educativa com os educadores em formação. Recomendamos a anotação de impressões e idéias, uma espécie de diário de bordo que o auxilie no pensar e no planejamento pedagógico. As questões seguintes podem desencadear focos norteadores da pauta do olhar.

- Você se lembra de sua primeira visita a um museu? Quando foi? Quem levou você?
- Você se lembra de uma experiência de aprendizagem significativa em visita a museus ou instituições culturais?
- Quais questões e inquietações o documentário provoca?
- Você vê relações entre a vida das crianças, seu ambiente circundante e a visita ao museu?
- É possível distinguir as etapas do processo da pesquisa-ação? Qual desperta mais sua atenção?
- No final do trabalho as crianças falam sobre arte: como aprenderam a vê-la?
- Na sua opinião, o que é mais relevante na vivência documentada?
- Qual o foco de trabalho em sala de aula e quais indicadores de proposições pedagógicas que o documentário pode desencadear?

As anotações podem auxiliar na opção do foco de trabalho, na reflexão sobre os conceitos e o resultado da pesquisa-ação, além de retomar as suas experiências como docente e como visitante de museus de arte. A partir delas, você pode criar a pauta do olhar para os alunos, professores em formação.

Mapa potencial
O MUSEU E A ESCOLA



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



Percurso com desafios estéticos

O mapa potencial do documentário oferece possíveis caminhos para o foco **Formação: Processos de Ensinar e Aprender**, com base na experiência de pesquisa-ação. Consideramos esse um enfoque de relevância, por abordar as inter-relações com questões da origem socioeconômica e cultural dos alunos, a participação e interação dos professores no trabalho no museu e o valor da pesquisa-ação como processo de ensinar e aprender arte. As propostas apresentadas são sugestões que convidam o professor-pesquisador a investigar e experimentar, em consonância com os interesses de um curso de formação docente.



O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- Uma forma envolvente de preparação para o documentário é marcar o encontro/aula diretamente em um museu, sem agendamento de visita guiada ou qualquer outra forma de mediação. Deixe que cada um percorra a exposição como quiser, ou, para aqueles que não tenham interesse, deixe que não se desloquem. Após algum tempo, determinado anteriormente, reúna o grupo e discuta sobre o vivido, a dispersão ou a atenção durante a visita, faltas percebidas, tempos, etc. Quais as vantagens de um trabalho planejado? A exibição do documentário ampliará as questões abordadas.
- Outra maneira de introdução ao tema é por meio de uma discussão do pensamento de Maria Célia Santos citado no documentário: “Mais que tornar-se conhecido e divulgado, o museu necessita ser vivido, compreendido como um local onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada”. Após a discussão, exiba o documentário e continue a reflexão sobre o papel dos museus na atualidade, instigando para que cheguem a novas proposições.
- Qual seria o roteiro para orientação aos professores que pretendem levar seus alunos a visitar um museu de arte? As cri-

ações desses roteiros pelos alunos, professores ou mediadores em formação contêm quais itens? A análise compartilhada desses roteiros pode levantar aspectos importantes, mas que muitas vezes passam despercebidos, tais como: o que planejar e fazer antes da visita (justificativa da escolha de uma exposição, agendamento, horários, acesso ao material de divulgação, normas de visitação, autorização dos pais); durante o acontecimento (a saída, possíveis visitas complementares, pontualidade, disciplina, registro e acompanhamento); e depois, na volta à escola (avaliação, novas questões, levantamentos de propostas e desafios estéticos para a continuidade do que ficou mais forte na visita, etc.). Depois, o documentário pode ajudar a perceber se havia outros aspectos a serem lembrados, além de suscitar outras questões instigantes.

As sugestões apresentadas indicam caminhos possíveis no intuito de atrair os alunos para assistirem ao documentário; apontam para o desvelar de novos olhares, incentivando opiniões diferenciadas e novos sentidos que alarguem o entendimento de questões que envolvem ação educativa em museus de arte.

Percursos com desafios estéticos

As proposições iniciais pretendem instigar novos desafios que impulsionem o pensar e as ações pedagógicas direcionadas especificamente para os alunos, professores e mediadores em formação contínua, além de outros interessados. Novas sugestões são aqui apresentadas para aquecê-lo, mas é você que conhece seu grupo e sua realidade.

Desvelando a poética pessoal

No território da **Formação: Processos de Ensinar e Aprender**, pode parecer estranha a sugestão de desafios para uma poética pessoal. A poética, entretanto, retrata um modo singular de ser professor, um modo singular de ensinar arte. Para que ela seja desvelada, sugerimos, para sua reinvenção, duas ações que podem ser escolhidas pelos alunos em formação:

- ☉ A criação de um primeiro esboço de proposta de trabalho, envolvendo um museu da cidade e uma escola. Se os alunos forem professores em serviço, a escolha deve recair sobre uma das séries com que trabalham. A partir do estudo da pesquisa-ação apresentada no documentário, lembre-se da necessidade de adequar o enfoque à proposta pedagógica da escola e à série escolhida. O esboço poderá ser realizado de forma visual, como desenho, história em quadrinhos, etc.
- ☉ Considerando que o professor também faz uma curadoria – curadoria educativa¹⁰ – ao escolher as obras que oferece à leitura de seus alunos, cada aluno em formação pode selecionar as obras que gostaria de oferecer a uma série específica. Desafiar os alunos para buscar obras produzidas por homens e mulheres, de várias épocas e lugares, não esquecendo de etnias pouco divulgadas, assim como a cultura popular. Cada obra selecionada deve conter os seguintes dados: nome do artista (com data de nascimento e morte, se for o caso), título da obra e ano de produção, técnica, tamanho e, se possível, o acervo em que está localizada e/ou a fonte de onde foi retirada.

O acompanhamento das duas propostas sugeridas pode gerar novas questões e você poderá ajudá-los com informações. A concretização delas pode se dar em complementaridade a outras sugestões, colocadas em seguida, e os resultados apresentados ao grupo classe ao final do projeto.

Ampliando o olhar

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– Me ajuda a olhar!

- ☉ O texto acima e a volta ao documentário podem possibilitar apreciação ou discussão mais aprofundada, retomando o tema da pesquisa-ação, revendo algum depoimento relevante, ou enfatizando determinadas falas dos participantes e aspectos de obras dos artistas por meio do “congelamento” de imagens. Que pontos os alunos em formação gostariam de rever?
- ☉ Qual foi a primeira visita a um museu? Quem o levou? Quais foram as suas impressões? Essas questões certamente abrirão uma série de problematizações sobre o acesso aos museus e às instituições culturais, o repertório e oportunidades oferecidas pela família e escolas frequentadas, as ressonâncias dessas experiências nas ações como educador e mesmo como integrante de uma família que valoriza ou não essas visitas.
- ☉ O escritor Luis Fernando Veríssimo¹² escreveu:

Lugar onde você passa e pensa: preciso entrar aí um dia.../ Lugar em que você faz questão de entrar./ Desde que fique em outro país./ Lugar para você levar alguém que visita a cidade./ Mas do qual você só lembra depois que o visitante foi embora./ Lugar para passar o tempo até que passe a chuva/ (mas pensando bem, um cinema é melhor)./ Uma daquelas coisas para a qual você não tem tempo/ (mas não frequentava mesmo quando tinha)./ Se você se enquadra em qualquer um destes casos, parabéns./ Ao contrário de quem já sabe que visitar um museu/ É uma experiência fascinante./ Você tem esta descoberta no seu futuro./ Para descobrir, basta entrar da próxima vez que passar por ele./ Mesmo que não esteja chovendo.

A partir dessa nutrição literária, o que se pode refletir sobre a frequência com que cada um visita museus?

- ☉ No documentário, uma mãe de aluno fala sobre seu filho depois da participação no projeto: “Ele vê uma imagem na televisão e imagina outra”. O que podemos inferir dessa afirmação?
- ☉ Como criar uma mediação para a sua própria obra? Para isso, os alunos em formação devem fazer uma obra plástica. Podem se basear nas obras dos artistas mostradas no documentário ou trazer outras realizadas anteriormente. O planejamento de onde elas devem ser colocadas no espaço e a preocupação com o modo como o visitante poderá interagir com elas iniciam a sua mediação. Problematizá-la, instigando o diálogo sobre a mediação realizada é o seu papel como formador do grupo.

Conhecendo pela pesquisa

- © A afirmação de Giraudy¹³ amplia nosso olhar sobre os museus e pode produzir novos questionamentos junto aos alunos em formação, além de uma pesquisa em museus da região, averiguando os acervos e a ação educativa oferecida.

O museu é a casa dos objetos dos homens, fabricados ontem, hoje, aqui ou alhures. Nele tempo e espaço são abolidos. Na idade do efêmero e do consumismo, o museu conserva o amanhã. Aí residem sua singularidade, seu papel e seu objetivo. Mas estas insubstituíveis coleções de objetos originais bi ou tridimensionais são tão inúteis ao visitante quanto um livro nas mãos de um analfabeto, se não forem expostas de modo a serem compreendidas ou amadas.

- © Afirmamos que a parceria entre escola e museu já acontece e sua necessidade deixou de ser questionada. No entanto, colocamos algumas questões para discussão: para além da parceria, estabelece-se realmente um diálogo pedagógico entre a escola e o museu? É possível o professor transladar para o contexto da escola algumas das práticas educativas de museus? De que forma o educador se serve dos conceitos, dos procedimentos e das vivências lá ocorridas para complementar ou aperfeiçoar sua prática escolar? Vale aqui recomendar a leitura de boletins da Rede Arte na Escola que tratam especificamente deste tema.
- © Pesquisar as diferentes ações que têm sido empregadas em museus de arte e as metodologias para a leitura de obras¹⁴, especialmente as descritas por Ott, que apresenta cinco estágios: 1. descrevendo, 2. analisando, 3. interpretando, 4. fundamentando com informações sobre a obra, seu processo, suas influências, etc. e 5. revelando, quando o leitor é convidado a também se expressar. Outras referências são de Feldmann e seu método comparativo de análise, de Marjorie e Robert Wilson e All Hurwitz, que se interessam pela aprendizagem da arte através de sua leitura, com ênfase no desenho.
- © A leitura e a releitura têm sido questões que inquietam os formadores de forma geral. No documentário, uma criança conta que o seu desafio é “misturar uma obra com outras”,

criando a sua. O que os alunos em formação podem pesquisar sobre o conceito de releitura?

- ☉ A educação patrimonial tem sido uma outra preocupação, ampliando as questões de mediação para além dos acervos dos museus. Esse é um bom tema para pesquisas.

Amarrações de sentidos: portfólio

O encadeamento de todo o processo vivido pode se tornar mais claro com a construção de um portfólio. Para organizar os trabalhos, as pesquisas, os estudos que foram realizados, o portfólio pode ter o formato de uma mala que sugira uma viagem pelo mundo dos museus de arte. A mala é uma alusão às caixas de memória dos artistas contemporâneos e remete aos gabinetes de curiosidades, ou câmara de maravilhas, coleções particulares de objetos, uma das origens dos museus. A construção do “portfólio-mala” já é um testemunho da poética individual do aluno e sua montagem demandará exercício de seleção de trabalhos, elaboração e cuidado estético, o que constitui uma amarração dos sentidos.

Os alunos poderão organizar uma exposição ou fazer uma performance com as malas, circulando no espaço do curso ou mesmo na comunidade.

Valorizando a processualidade

Houve transformações e ampliações na compreensão e conhecimento dos alunos em formação a respeito das relações museu e escola e do recurso da pesquisa-ação no processo educativo?

Ao apresentar as “malas” e discutir o conteúdo delas, surgirão elementos significativos para a avaliação. Da mesma forma, o seu diário de bordo, com as anotações iniciais e aquelas feitas ao longo do processo, pode desencadear reflexões e idéias para projetos futuros, com a oportunidade de sedimentar, reorientar descobertas e idéias que tenham surgido, considerando a vivência no espaço museológico e a oportunidade de contato com obras originais.

Glossário

Curadoria educativa – envolve uma seleção, combinação e recorte “comprometido com um ponto de vista que se eleger, exercendo a força de uma idéia, de um conteúdo que é desejo explorar ou de uma temática possível de desencadear um trabalho junto aos alunos”, gerando interpretações. “Não uma interpretação que cria a armadilha de responder questões, mas a interpretação que vai propor aos alunos um processo instigante de novas e futuras escavações de sentido. (...) Pontos de vista que, se socializados num grupo, proliferam em múltiplos sentidos.”. Fonte: MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE; Gisa. *Material educativo*: 4ª. Bienal do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003, p.8.

Educação patrimonial – “formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções de museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade.” Fonte: GRINSPUM, Denise. *Educação para o patrimônio: museu de arte e escola - responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação- USP, São Paulo, 2000, p. 27.

Releitura – Pillar explica que a releitura pressupõe transformação, interpretação e criação, tendo por base uma referência que pode estar implícita ou explícita na obra final. A ênfase é dada à criação e não à reprodução da imagem. Fonte: PILLAR, Analice. *Leitura e releitura*. In: *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999, p. 18.

Bibliografia

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BAY, Dora M. D. Museu e escola: um diálogo possível. In: *Boletim 35*. São Paulo: Rede Arte na Escola/Instituto Arte na Escola, 2004.

COELHO, Roseane Martins. A escola e o museu de arte. *Revista Nupeart*, Florianópolis: Udesc, v.1, n.1, 2002.

FRANZ, Terezinha S. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

_____. *Educação para a compreensão da arte – Museu Victor Meirelles*. Florianópolis: Insular, 2001.

GRINSPUM, Denise. Museu escola: responsabilidade compartilhada. In: *Boletim 34*. São Paulo: Rede Arte na Escola/Instituto Arte na Escola, 2004.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro:

Fundação Nacional Pró-Memória, 1999.

HAMANN, Maria Inês Peixoto. *Arte e grande público: a distância a ser extinta*. Campinas: Autores Associados, 2003.

OTT, Robert W. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

PARSONS, Michael J. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.

PILLAR, Analice (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

RIZZI, Christina. Contemporaneidade (mas não onipotência) do sistema de leitura de obra de arte – image watching. In: *Boletim arte na escola*. Porto Alegre, 1999.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____. A compreensão das imagens da arte. In: *Arte & Educação em Revista*. Porto Alegre, v. 1, p. 27-35, 1995.

MARTINS, Mirian Celeste. O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. In: *ARTEunesp*, São Paulo, v.9, p. 199-217, 1993.

_____. PICOSQUE, Gisa; TELLES, M.Terezinha. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998. (Coleção Didática do ensino).

Seleção de endereços de artistas e sobre arte na rede internet Os sites abaixo foram acessados em 12 jul. 2005.

ARTE E MUSEU. Disponível em: <www.artenaescola.org>.

MUSEUS. Disponível em: <www.museus.art.br>.

_____. <www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp>.

_____. Arte de Santa Catarina. Disponível em: <www.masc.sc.gov.br>.

Notas

¹ Apresentamos as obras que aparecem no documentário, por ordem de entrada: 1) Helene Sacco, *Do céu*, 2000; 2) Marília Borba, *Arquivo*, 1998; 3) Heidy Hassis, *Marinha*, s/d; 4) Clara Fernandes, *Amphoterios*, 2000; 5, 6 e 7) Meyer Filho, *Casario*, s/d, *Galo – série preto-vermelha*, s/d e *Paisagem*, s/d, respectivamente; 8) Concha Prada, *Metropolis-Madrid*, 1999; 9) Jorge Ribalta, *s/título*, 1995; 10) Fabiana Wielewicki, *Monólogo*, 2001; 11) Vanderlei Zamignan, *s/título*, 2001; 12) Omar Filomeno, *s/título*, 1981; 13) Rafael João Rodrigues, *Tatum*, 1989; 14) Aline Essenburg, *Fecundos e preguiçosos*, 2001; 15) Eli Heil, *O cérebro libertando a esperança*, 1971; 16) Janaí Abreu, *Cartografia*, 2000; 17) Nara Milioli, *s/título*, 1992; 18)

Elisa Lop, *Unidade móvel de identidade*, 2000; 19) Clara Fernandes, *Abissais*, 2000; 20, 21, 22 e 23) Paulo Gaiad, *Sobre a paz*, 2000, *Bolo de cenoura, auto-retrato de Nara Milioli*, 2001, *A vida como eu gosto, auto-retrato de André Gaiad*, 2001 e *Receptores da memória – cicatrizes*, 1999; 24) Neno Brasil, *Vigiai*, 1991.

² Escolas envolvidas: Escola Básica Severo H. da Costa, da praia de Pântano do Sul, Escola Básica Albertina M. Dias, da Vargem Grande, no interior da Ilha, e Escola de Aplicação do Instituto de Estadual de Educação, no centro da cidade.

³ THIOLENT. Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2000. p.73-74.

⁴ Artistas participantes: Beбето, Fabiana Wielewicki, Jairo Schmidt, Nara Milioli e Paulo Gaiad.

⁵ Roseane M. COELHO, *A escola e o museu de arte*, p.40.

⁶ Maria Inês Peixoto HAMANN, *Arte e grande público: a distância a ser extinta*, p. 95.

⁷ Segundo pesquisa no acervo da Bienal, a lista de monitores confirmando o serviço somente está arquivada a partir da sétima edição, em 1963.

⁸ O termo “expedição” tem sido utilizado nas ações educativas coordenadas por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (entre elas: Mostra do Redescobrimento, 2000 e 4ª Bienal do Mercosul, 2003), como modo de caracterizar uma atitude investigativa e sensível, com a implicação de educadores, mediadores e o público envolvido.

⁹ Não há um nome específico utilizado em todas as instituições para quem faz esse atendimento ao público. Preferimos aqui nomear de mediador, muito embora haja nomeações como monitor e arte-educador.

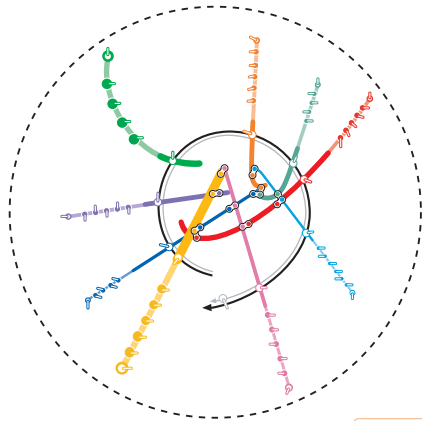
¹⁰ Este termo foi cunhado por Luis Guilherme Vergara, autor do artigo: Curadorias educativas, a consciência do olhar: percepção imaginativa - perspectiva fenomenológica aplicada à experiência estética. In: *Anais ANPAP 1996*, Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, p. 240-247.

¹¹ GALEANO, Eduardo. A função da arte/1. In: *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 15.

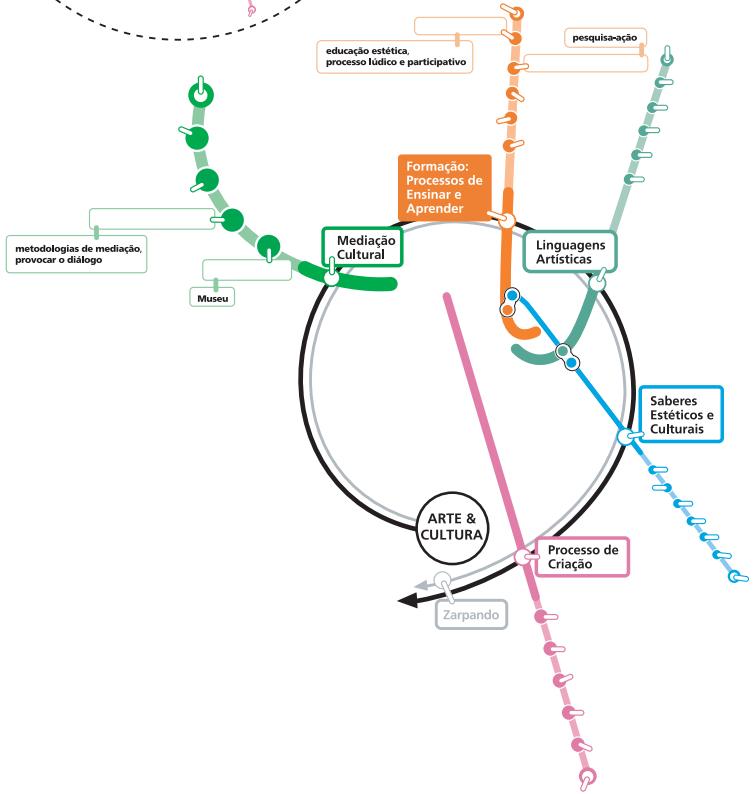
¹² VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Jornal do MARGS/Museu de Arte do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, maio 2003, n. 88, p.7.

¹³ Danièle GIRAUDY; Henri BOUILHET, *O museu e a vida*, p.14.

¹⁴ Leia mais em Mirian C. MARTINS et al. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*, p. 74-82.



Mapa potencial
O MUSEU E A ESCOLA



Patrocínio **Organização**



www.artenaescola.org.br